

Resenha: *Poesias completas* de Mário de Andrade

Resenha de *Poesias completas*, de Mário de Andrade.

Edição de texto apurado, anotada e acrescida de

documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, v. 1 e 2.

Angela Teodoro Grillo¹

Francisco José Gonçalves Lima Rocha²

¹ Universidade de São Paulo – USP/FAPESP. E-mail: angela_grillo@yahoo.com.br.

² Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP. E-mail: fjrocha@gmail.com.

A OBRA DO MULTIFÁRIO INTELLECTUAL E ARTISTA Mário de Andrade (1893-1945) tem sido, desde 2006, reeditada sob a coordenação de Telê Ancona Lopes (IEB-USP), pelo selo da editora Nova Fronteira. Em 2013, a coordenadora, juntamente com a pesquisadora Tatiana Longo Figueiredo, levou a cabo as *Poesias completas*, em uma edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos, dividida em dois volumes. O valor da edição pode ser medido se comparada com as publicações anteriores de *Poesias completas*.

Em 1943, Mário de Andrade, a convite da Livraria Martins Editora, planejou a publicação de suas *Obras completas* organizando-as em vinte títulos éditos e inéditos. *Poesias completas*, listado como volume 2, veio à luz pela primeira vez somente em 1955, sob a responsabilidade editorial de José de Barros Martins, dez anos depois da morte do escritor. O editor tomou como textos-base as edições publicadas por Mário de Andrade, salvo *Lira paulistana seguida de O carro da miséria*, cujo texto baseia-se na edição póstuma de 1945. A edição de José de Barros Martins acata as orientações endereçadas por Mário de Andrade a seu irmão Carlos numa carta-testamento³, fazendo *O carro da miséria* anteceder *Livro azul*. No entanto, o editor incluiu o inacabado *Café*, que teria, conforme prevê a mesma carta, uma “publicação à parte”, cujo texto foi estabelecido a partir do manuscrito em posse do maestro Francisco Mignone, a quem o autor confiara a musicalização dos versos. Durante três décadas, *Poesias completas* ganhou seis reedições, tendo sido desmembrada em dois volumes na quinta edição lançada em 1979 e 1980.

Em 1993, a edição crítica de Diléia Zanotto Manfio propõe o “reestabelecimento do projeto literário de Mário de Andrade”⁴. Os poemas são novamente reunidos em um só volume, e corrige diversos erros da edição anterior, os quais, por vezes, chegam a deformar a composição dos textos. Além disso, a edição de Diléia Manfio divulga documentos de arquivo nos quais o próprio escritor reflete sobre seu processo de criação. O estabelecimento do texto toma as edições *princeps* e o exemplar de trabalho de *Poesias* (1941) como lições principais. Contudo, há deslizos na edição quando se dispõem na mesma página dois poemas diferentes, o que prejudica a visão separada das composições e quando se unem segmentos estróficos distintos, como entre os versos 2 e 3 do poema “XII” de *O carro da miséria*.

A edição de Tatiana Longo e Telê Ancona Lopez zela com respeito à disposição e ao estabelecimento dos textos. Os poemas se leem, quando possível, em uma única página, sem preocupação econômica com os brancos e indica-se a correta divisão das estrofes, com setas para informar a sequência de uma mesma estância. As variantes escolhidas, além de atestadas, se multiplicam, pois as organizadoras incluem versões localizadas em cartas, revistas, marginalia e outras fontes. Ademais, as precisas notas de rodapé munem o leitor de informações úteis

³ Publicada em: ALVARENGA, O. *Mário de Andrade, um pouco*. Rio de Janeiro: José Olympio/CSET-CEC, 1974, p. 34.

⁴ MANFIO, D. Z. Introdução. In: ANDRADE, M. de. *Poesias completas*. Villa Rica: BH, RJ, 1993, p. 22.

sobre os poemas, como datas de publicações e variantes.

Ao desfiar as múltiplas teias do processo de criação do poeta, as pesquisadoras indicam relações entre manuscrito, correspondência e biblioteca, e revelam, dessa forma, matrizes e trajetos criativos. Por exemplo, “Sambinha”, de *Clã do jabuti*, nasce na margem de um romance de Heinrich Mann, *Die Armen*, em que Mário de Andrade, em anotação, conjuga o conteúdo do texto lido (assédio masculino a uma operária) ao texto criado (a admiração por duas costureirinhas). Outro exemplo: *Lira paulistana* é escrito entre 1944-1945, em uma caderneta que contém “Cântico”, editado pela primeira vez pelas pesquisadoras, as quais mostram, ainda, que neste mesmo documento, Mário de Andrade toma como modelo o poeta trovadoresco Martin Codax.

A concepção de um segundo volume em duas partes, a primeira contendo edições e manuscritos, e a outra, poesias inéditas e esparsas, evidencia um trabalho de extração de documentos do arquivo que traz à tona um rico conjunto composto de frontispícios, textos metapoéticos e prototextos, além de possibilitar o acesso a poemas não publicados anteriormente em livros. A publicação de esparsos e inéditos é de um interesse extraordinário, pois enriquece a obra poética de Mário de Andrade ao revelar, entre outros aspectos, um sonetista à altura dos mestres parnasianos e simbolistas a quem o poeta-aprendiz muito deveu. As organizadoras desviam-se das orientações da carta-testamento relativas à ordem dos títulos, na medida em que *O carro da miséria* sucede *Livro azul*. A decisão, que poderia ter sido justificada em nota, compreende-se como recuperação da sequência cronológica da criação das obras.

Mário de Andrade foi um homem à frente de seu tempo, como mostram suas criações literárias, extremamente originais, seus ousados projetos quando diretor do Departamento da Cultura da Municipalidade de São Paulo e seus ensaios que inauguram vias de pesquisa sobre arte popular. Longe de considerar sua poesia como secundária, como fazem alguns críticos, pensamos que ela guarda e põe à mão chaves que abrem para segredos do polígrafo. Em seus poemas, Mário de Andrade mais do que se mostrar, difunde-se, pois neles encontram-se o artista e seu conflito individual, o crítico da sociedade, o modernista de primeira hora, o criador circunstancial, o estudioso da fala brasileira.

O poeta mostrava-se consciente da obscuridade de seus poemas, como se lê nesses versos ⁵ provocativos do “Lundu do escritor difícil”:

Eu sou um escritor difícil
Que a muita gente enquizila,
Porém essa culpa é fácil
De se acabar de uma vez:
É só tirar a cortina
Que entra luz nessa escurez. (v. 1-6)

ANDRADE, M. de. A costela do Grã Cão. In: _____. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, v. 1 e 2.

A edição de *Poesias completas* de 2013 é farol para leitores que desejam interpretar os versos do poeta, bem como para pesquisadores de sua obra e do seu processo criativo. O legado de Mário de Andrade merece ser cada vez mais revisitado, pois nele se lança o olhar agudo de um intelectual para sua época e lugar. O polígrafo deve ser tomado como uma referência nos estudos sobre o país - seja na prosa e crítica literária, nos ensaios etnográficos e na crítica musical -, ressalta-se na poesia a união lírica do homem com o Brasil, e mesmo com outros lugares do

mundo, como mostra “Nova Canção de Dixie” que tematiza o preconceito de cor nos EUA, versos publicados pela primeira vez em livro nessa rica e nova edição de *Poesias completas*.

Referências bibliográficas

ALVARENGA, Oneyda. *Mário de Andrade, um pouco*. Rio de Janeiro: José Olympio/CSET-CEC, 1974.

ANDRADE, Mário de. A costela do Grã Cã. In: _____. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, v. 1 e 2.

MANFIO, Diléa Zanotto. Introdução. In: ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Villa Rica: BH, RJ, 1993.